



CARMEN LUCIA BOING

SIGNIFICADOS DO DINHEIRO NAS RELAÇÕES FAMILIARES

FLORIANÓPOLIS

2012

SIGNIFICADOS DO DINHEIRO NAS RELAÇÕES FAMILIARES

Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico para obtenção do grau de especialista em Terapia Relacional Sistêmica.

Orientadora: Dra. Michelli Moroni Rabuske

FLORIANÓPOLIS

2012

RESUMO

O presente estudo bibliográfico aborda os significados do dinheiro nas relações familiares, na abordagem da terapia familiar sistêmica. O dinheiro adquire significados diferentes em função do contexto sociocultural analisado. A compreensão dos significados do dinheiro está associada a temas como comunicação familiar, segredos familiares e resiliência familiar. A associação entre dinheiro, afeto, desenvolvimento individual e familiar pode ser observada nas relações entre família e patrimônio, nas diferentes etapas do ciclo vital da família. Os significados que o dinheiro adquire em cada sistema familiar e o modo como a família faz a gestão de seus recursos materiais podem servir como metáforas do funcionamento familiar. Constatou-se que o dinheiro ocupa espaço de destaque nas relações familiares e sociais, entretanto, apesar da presença significativa de demandas envolvendo os significados do dinheiro na terapia familiar, o tema encontra-se pouco explorado em publicações na área.

Dedicatória

Dedico este trabalho

a DEUS, pelo dom da vida, pela minha família e pelo privilégio de ser Terapeuta Familiar; a meu pai Silvestre Rudolfo Boing (in memoriam), a minha mãe, Olga Nadir Comandolli Boing, e a meu “mano” William César Boing , por TODO BEM que continuam me fazendo e por ainda continuarem dando seu esforço, suor e lágrimas, pela minha realização pessoal e profissional.



AGRADECIMENTO

Com imenso carinho, aos meus afilhados: Miriam C. Corbeta, Jasson Alexandre do Carmo, Maria Luiza Panosso e João Vítor T. Zanquetta.

Aos preciosos amigos sempre presentes: Tio Juliano, Tia Mada, Mari, Maria Luiza e Luiz Zanquetta, Júlio e Dulcinara, Cauã, Giulia Tamanini, Guto, Fabi, Guga e Duda Tamanini e Benivaldo Ferreira.

Aos meus amados primos Márcia, Indio e Pedro Pedrini de Oliveira.

À minha professora Elza Shudo Prado, que me incentivou e encorajou a vir por esses caminhos catarinenses.

Às minhas amigas, parceiras queridas, Danúbia Girada e Luciana Camporezzi, que entre tantos “quilômetros rodados”, entre tantas idas e vindas, compartilharam com tanta confiança e generosidade, suas alegrias e tristezas, sonhos e desencantos, meu ESPECIAL CARINHO.

A Ismênia e Egon, que por tantas vezes me acolheram com generosidade em seu lar, compartilhando experiências de vida, sem falar nas caronas incontáveis.

A Samira Macarini, uma parceira sem igual, comprometida, humilde, paciente, criativa, meu especial agradecimento!!!!

A todos os meus benfeitores não nomeados, mas que muito contribuíram e contribuem para que fosse possível chegar até aqui, minha eterna gratidão.

À Dra. Michelli Moroni Rabuske e Dóris Waldow

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	06
II OBJETIVOS	08
III MÉTODO	09
IV DESENVOLVIMENTO	10
1 Epistemologia do pensamento sistêmico e a terapia familiar sistêmica	10
2 Família e ciclo vital da família	12
3 Comunicação, segredos e resiliência familiar	15
4 Psicologia econômica e significados culturais do dinheiro	19
5 Significados do dinheiro e terapia familiar	22
5.1 O dinheiro nas relações entre pais e filhos	23
5.2 O dinheiro nas relações conjugais	26
V CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
VI REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

I INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema os significados do dinheiro nas relações familiares, na abordagem da terapia familiar sistêmica. O interesse da autora pelo tema decorre do fato de se tratar de assunto presente em sua experiência clínica, mas pouco explorado em pesquisas e na formação em Psicologia.

O dinheiro permeia as relações sociais e familiares e tem significados diversos, a depender do contexto sociocultural analisado. Como tema de estudo interdisciplinar, o dinheiro é abordado em diferentes áreas do conhecimento, inclusive na Psicologia. Ferreira (2007) e Moreira (2002), esclarecem que a Psicologia Econômica tem como objetivo a compreensão sobre como os fenômenos econômicos afetam a vida dos indivíduos e como o comportamento humano pode influenciar a economia. Na terapia familiar, Madanés e Madanés (1994) constituem a principal referência a respeito do significado do dinheiro nas relações entre os diferentes subsistemas familiares, nas diferentes etapas do ciclo vital da família.

A associação entre dinheiro, afeto, desenvolvimento individual e familiar pode ser observada nas relações entre família e patrimônio. Como exemplo dessas relações nas transições do ciclo vital da família, tanto as previsíveis como as imprevisíveis, destacam-se: a negociação do planejamento financeiro familiar na formação do novo casal; as heranças, concomitantes às perdas; a pensão e a divisão de bens no divórcio; o uso de bens dos pais por parte de cada um dos membros da fratria; o adoecimento de um dos membros da família que gera demandas financeiras inesperadas; processo de construção da autonomia do jovem adulto em relação aos pais, dentre outros.

Além das situações típicas do ciclo vital família, também é possível referir a influência do significado atribuído ao dinheiro na gestão de empresas familiares; nos empréstimos informais de dinheiro e bens entre pessoas da família; nas perdas financeiras associadas a investimentos mal-sucedidos, dependência química e jogo patológico; no furto por parte de um familiar em relação a outros; nas famílias que vivem de trabalho ilícito; nos processos judiciais por danos morais de filhos em relação a pais que foram ausentes.

Conforme Madanés e Madanés (1994), por meio do dinheiro as pessoas exprimem seus desejos, sua necessidade de confiança, de vingança e reparação. Nas famílias o dinheiro pode ser usado como “arma secreta” na manipulação de conflitos relativos ao sexo, ao amor e ao poder.

O modo como a família se relaciona com o dinheiro, portanto, pode ser uma metáfora do funcionamento familiar. Pelos seus significados ocultos nas relações familiares, o dinheiro é um dos assuntos que tem a propensão de se tornar tabu e/ou segredo. Destaca-se que qualquer assunto pode se tornar um segredo familiar, porque não é o conteúdo em si que o torna segredo, mas o significado atribuído ao assunto (BLACK, 1994).

Decisões sobre o uso do dinheiro podem estar associadas a conflitos geracionais e conjugais, que podem ser transmitidos transgeracionalmente¹. O dinheiro pode suprir necessidades, proporcionar conforto e bem-estar, mas também pode vir a funcionar como “moeda de troca” nas relações familiares.

¹ A distinção proposta em 1989, por Évelyne Granjon, entre transmissão intergeracional e transmissão transgeracional é, neste aspecto, interessante; por “transmissão intergeracional”, essa autora designa a transmissão de uma geração a outra de elementos psíquicos assimiláveis, elaboráveis, úteis e até mesmo indispensáveis ao desenvolvimento psíquico; por “transmissão transgeracional”, ela designa a transmissão não elaborável: não-ditos, criptas, fantasmas etc., que constituem diversos confinamentos intrapsíquicos, fontes de sofrimento, de perturbações e de repetições até que sejam objeto de uma elaboração e uma tomada de consciência (HOUZEL, 2005, 467).

II OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Caracterizar as contribuições da abordagem sistêmica da família na compreensão da comunicação familiar em relação ao dinheiro.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- analisar conceitos sobre comunicação familiar, segredos familiares e suas repercussões nas relações familiares;
- discutir os significados culturais do dinheiro e os significados do dinheiro na família;
- relacionar os significados do dinheiro nas relações entre pais e filhos e nas relações conjugais;

III MÉTODO

Trata-se de um estudo bibliográfico e exploratório, realizado para ampliar a compreensão do tema a partir da contribuição de diferentes autores, pois permite esclarecer conceitos, identificar relações com outros temas relevantes, comparar posicionamentos. O levantamento das referências bibliográficas foi realizado por meio de buscas não-sistemáticas, em bases de dados, por meio do descritor “dinheiro” associado aos descritores “família”, “relações familiares”, “terapia familiar”.

IV DESENVOLVIMENTO

1 EPISTEMOLOGIA DO PENSAMENTO SISTÊMICO E A TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA

O pensamento sistêmico teve sua origem como paradigma alternativo em relação à ciência tradicional no século XX, no período após a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Vasconcellos (2002), o pensamento sistêmico implica a compreensão dos fenômenos complexos e das suas relações no contexto, em oposição à busca de relações causais simples entre as partes. Trata-se de um conjunto de desenvolvimentos teóricos e aplicados provenientes de diferentes áreas do conhecimento, tendo como ponto comum a compreensão do conceito de sistema como um “todo”, cujas propriedades provêm da organização das relações entre as partes que o constituem.

O pensamento sistêmico está embasado na Teoria Geral dos Sistemas, que teve origem na biologia e propôs formulações gerais sobre a organização e o funcionamento dos sistemas vivos; na Cibernética, com a compreensão da existência de comportamentos autorreguladores por “feedback” negativo e positivo, no estudo do controle e da comunicação em máquinas e seres vivos.

Conforme Vasconcelos (2002), os pressupostos fundamentais do pensamento sistêmico são a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. A complexidade indica a necessidade de contextualizar os fenômenos e reconhecer a causalidade recursiva, opondo-se à idéia de explicar os fenômenos pela simplificação das relações de causa-efeito lineares. A instabilidade caracteriza-se pela compreensão de que “o mundo está em processo de tornar-se”, dado que os fenômenos complexos implicam imprevisibilidade e incontrolabilidade. A intersubjetividade demonstra que a realidade depende do observador; ele interfere no fenômeno observado e participa da construção da realidade.

A partir dos referidos pressupostos fundamentais, entende-se que a existência de interação ou de relações entre os componentes do sistema é fundamental para

reconhecer a existência do sistema como entidade, diferenciando-o de um simples aglomerado de partes independentes uma das outras.

A epistemologia do pensamento sistêmico fundamenta estudos e pesquisas em diversas áreas do conhecimento e, na área da Psicologia, embasa as abordagens das terapias familiares sistêmicas. Segundo Papp (1992), terapeutas familiares que fundamentam seu trabalho no pensamento sistêmico compreendem que nenhum evento ou parte de um comportamento causa outro, mas se conecta de uma maneira circular a muitos outros eventos e partes de comportamentos. Para Minuchin (1982), a terapia familiar concebe o ser humano como um membro ativo e reativo aos outros seres humanos e aos grupos sociais, não como um ser isolado.

Andolfi (1996) considera os seguintes aspectos como pertinentes na aplicação da compreensão sistêmica aplicada à família e à terapia familiar: a família como sistema aberto em constante transformação, adaptando-se às exigências das diferentes fases de seu ciclo de desenvolvimento; a tendência homeostática e a capacidade de transformação da família, que compõe o equilíbrio dinâmico aparentemente contraditório que possibilita a continuidade e o crescimento psicossocial de cada um de seus membros e do sistema familiar como um todo; a família como sistema autorregulado, sendo que as tensões internas ou externas geram repercussões e necessidade de adaptação por parte dos membros da família.

Nesse sentido, o trabalho do terapeuta relacional com a família torna-se uma narração, um tipo de texto que o terapeuta relacional e a família contribuem para escrever. Isto consiste em criar um contexto de escuta e acentuar as capacidades que os indivíduos têm de dialogar com o objetivo de criar um novo enquadramento e gerar uma nova perspectiva (ANDOLFI, 1996, p.13).

Esta forma de perceber a família e a terapia familiar, segundo o referencial sistêmico, possibilita ao terapeuta analisar a relação, o processo e o contexto onde são geradas, mantidas e transformadas as crenças e valores familiares. Dessa forma, a terapia familiar é considerada uma prática na qual clientes e terapeutas conjuntamente constroem mudanças, para que seja restabelecida a funcionalidade do sistema familiar.

2 FAMÍLIA E CICLO VITAL DA FAMÍLIA

Os conceitos de família e de suas funções, que norteiam o presente estudo, podem ser caracterizados a partir de Minuchin (1982) e Andolfi (1984):

[...] as funções da família atendem a dois diferentes objetivos. Um é interno – a proteção psicossocial de seus membros; o outro é externo – a acomodação a uma cultura e a transmissão dessa cultura (MINUCHIN, 1982, p. 52).

[...] A família é um sistema aberto em transformação; isto é, constantemente recebe e envia inputs para e do extrafamiliar, e se adapta às diferentes exigências dos estádios de desenvolvimento que enfrenta (MINUCHIN, 1982, p. 56).

[...] a família é um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros componentes. Esse processo dual de continuidade e crescimento permite o desenvolvimento da família como a unidade e, ao mesmo tempo, assegura a diferenciação de seus membros” (ANDOLFI, 1984, p. 18)

Conforme Andolfi (1996), “a família é um sistema entre sistemas”, e o terapeuta deve compreender as relações interpessoais e as normas que regulam a vida dos grupos a que o indivíduo pertence, para então formular intervenções eficazes. Para Minuchin (1982), as intervenções na terapia exigem o conhecimento da estrutura e da dinâmica da família, por meio da análise dos subsistemas familiares. Cada membro da família pode fazer parte de diferentes subsistemas, e eles são separados por fronteiras e regras, com a função de estabelecer limites e regular as trocas nos diferentes subsistemas e sistemas.

A estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e estes padrões reforçam o sistema (MINUCHIN, 1982, p. 57) .

Cervený e Berthoud (2002) apresentam como componentes da estrutura familiar as seguintes características: número de componentes da família, sexo, idade, religião, moradia, condição socioeconômica, profissão, escolaridade, tempo de relacionamento conjugal, “background” étnico e cultural. No que concerne à dinâmica familiar, as

autoras consideram tratar-se das características subjetivas dos relacionamentos entre os membros da família. A dinâmica familiar, portanto, caracteriza-se pelo modo como os vínculos são estabelecidos e mantidos, como a família enfrenta os problemas e os conflitos, os rituais cultivados e transmitidos de geração a geração, as regras, a hierarquia e os papéis assumidos por cada membro da família.

Conforme Bowen (1998b), no sistema emocional da família as tensões se transformam em um número ordenado de alianças, vínculos e rejeição. O nível de diferenciação de cada membro da família em relação aos demais, ou seja, o grau em que uma pessoa vai se diferenciando emocionalmente dos pais, constitui um indicador importante para a compreensão do seu desenvolvimento emocional. Também contribui para a compreensão da transmissão intergeracional e/ou transgeracional dos padrões de relacionamento familiar, bem como dos níveis de “maturidade ou imaturidade” através de várias gerações, e interfere de forma significativa na escolha do cônjuge e na dinâmica conjugal.

Além da estrutura e da dinâmica da família, outro aspecto relevante é o ciclo vital da família, que ocorre concomitantemente ao ciclo de vida de cada um de seus membros componentes. Os aspectos socioeconômicos e culturais ocupam papel importante no modo pelo qual as famílias atravessam o ciclo de vida. As diferentes gerações da família convivem e os acontecimentos em cada uma delas têm significativa influência nos relacionamentos da demais.

No momento em que uma geração se encontra na “terceira idade”, as anteriores enfrentam o “ninho vazio”, a aposentadoria, a fase de adulto jovem, estabelecendo relacionamentos conjugais, carreira profissional e a transição para a parentalidade. Conforme Carter e McGoldrick (2001), há um fluxo de ansiedade no sistema familiar, que assume menor ou maior intensidade no decorrer das transições do ciclo vital. Os caminhos percorridos por esse fluxo de ansiedade podem ser compreendidos como em um eixo vertical e um eixo horizontal. O eixo vertical refere-se à ansiedade gerada pelos padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família, particularmente através do mecanismo de triangulação

emocional. Engloba todas as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares.

Já o eixo horizontal refere-se à ansiedade gerada pelos estressores que a família precisa enfrentar, tanto os que são esperados em função das transições do ciclo vital, quanto os que são imprevisíveis. Conforme Carter e McGoldrick (2001), os eventos imprevisíveis podem caracterizar “os golpes de um destino impiedoso”, tais como: a morte prematura, o nascimento de uma criança deficiente, o adoecimento crônico, uma guerra, dentre outros. Experiências de sofrimento, como doença e morte, têm interferência de grande amplitude nos relacionamentos das gerações seguintes.

Os estressores em cada um desses eixos se combinam, e podem gerar aumento de ansiedade, sintomas e rupturas no funcionamento do sistema familiar. Segundo Carter e McGoldrick (2001), o nível de ansiedade gerada pelo estresse nos eixos vertical e horizontal, nos pontos em que eles se encontram, é o fator principal, para verificar o quão saudavelmente a família irá manejar suas transições ao longo da vida. Quanto maior a ansiedade criada na família em qualquer etapa, mais difícil será a transição.

3 COMUNICAÇÃO, SEGREDOS E RESILIÊNCIA FAMILIAR

A comunicação familiar não se restringe à transmissão de informações. Conforme Moran (2007, p. 35), comunicar-se significa “entrar em sintonia, aproximar, trocar, intercambiar, dialogar, expressar, influenciar, persuadir, conversar, solidarizar, tornar transparente, comungar”. Para Watzlawick, Beavin e Jackson (2001), a comunicação humana é um processo de interação entre comunicantes, fundamentada na circularidade. A metacomunicação, ou seja, a comunicação sobre a comunicação, é condição indispensável para a saúde emocional nos relacionamentos familiares e sociais. Com base nesses pressupostos, Walsh (2005) concorda com a existência, na comunicação humana, de um aspecto de conteúdo - que transmite informações factuais, opiniões ou sentimentos - e um aspecto de relacionamento - que define a natureza do relacionamento.

Bowen (1998) caracteriza a existência do que denominou sistema “aberto” e “fechado” de comunicação. O sistema aberto é aquele no qual o indivíduo tem liberdade para comunicar a maior parte de seus pensamentos internos, sentimentos e fantasias para o outro, havendo reciprocidade. Já o sistema fechado é uma ausência de liberdade para expressar pensamentos, sentimentos e fantasias, como forma de proteção contra a ansiedade da outra pessoa. Embora o autor tenha como base as situações de famílias diante da morte associadas a doenças graves, considera-se que a conceituação desses dois sistemas de comunicação pode ser observada quando a família trata de diferentes temas, geralmente dolorosos ou fora dos padrões culturais considerados adequados.

Temas que envolvem tabus e conflitos familiares podem constituir o conteúdo de segredos. Os segredos familiares são quaisquer informações que podem interferir no bem-estar de um indivíduo, mas não são acessíveis a ele por escolha de outras pessoas. Os segredos são fenômenos sistêmicos, em função das díades e triângulos que se formam para mantê-los, já que influenciam no grau de intimidade e de distanciamento nos relacionamentos. Para quem guarda o segredo, o ato de não revelar pode ter significados positivos, como proteção, diferenciação e autonomia. Para aqueles que não têm acesso ao segredo, o ato dos outros em mantê-lo pode significar traição.

Conforme Black (1994), um segredo pode ser encontrado no interior de uma pessoa, envolvendo pensamentos, sentimentos ou ações sobre os quais a pessoa jamais revelou. Esta localização secreta, inúmeras vezes prejudica a autoestima e a capacidade do indivíduo para confiar nas respostas de outras pessoas, porque aquele que guarda o segredo, tem a “fantasia” de que, se outros soubessem, poderiam abandoná-lo, desrespeitá-lo, detestá-lo.

A terapia familiar geralmente abrange temas familiares que podem envolver segredos, tanto no que se refere aos custos emocionais da sua manutenção quanto da sua revelação. Os triângulos formados pelos segredos podem se tornar conflituosos, no momento em que a existência da díade que guarda o segredo é, em si mesma, um segredo. As lealdades familiares entre as gerações, em grande parte, são construídas pelos segredos. “Com frequência, é no conteúdo específico de um segredo que se encontram as origens do estigma, vergonha e o medo da revelação e da dissolução da família, que alimenta poderosamente o processo de manutenção do segredo” (BLACK, 1994, p. 22).

De acordo com Black (1994), os segredos benéficos são geralmente temporários e caracterizam gestos de presentear, segredos dos adolescentes que refletem um desejo de diferenciação dos seus pais, segredos carinhosos acerca de vulnerabilidade, guardados pelos casais, ou, ainda, aqueles que as vítimas conservam dos seus algozes, como forma de obter forças.

Os segredos prejudiciais, conforme Black (1994), geralmente são de longa duração e estão envoltos por sintomas debilitantes e desconfiança no relacionamento. Nesse caso, geralmente, os fatos ocorreram no passado, mas as consequências para os relacionamentos e o bem-estar individual são atuais.

Conforme Rech (2007), os segredos familiares podem trazer consequências negativas. Quando um segredo prejudicial pode dificultar a comunicação em muitas áreas, a capacidade de uma família para lidar com problemas ou para passar tranquilamente em cada fase do ciclo de vida familiar pode ficar comprometida. Quando os relacionamentos são construídos em torno de um segredo, toda forma de comunicação

de uma família pode tornar-se marcada pelo fato de manter segredos em áreas distantes do segredo principal.

De acordo com Black (1994), segredos familiares podem estar vinculados a sintomas. Isso ocorre quando são mantidos em segredo, quando servem de metáfora para os segredos e quando servem para desviar a atenção de segredos insuportáveis, permitindo um ponto seguro para conversas na família.

A diferença entre segredo e privacidade, conforme Black (1994, p. 30), é que o segredo implica “o encobrimento intencional” e a privacidade implica “ser protegido do acesso indesejado por outros”. Segredos frequentemente envolvem sentimento de vergonha, ansiedade e medo quanto à revelação. Uma confusão entre segredo e privacidade pode ocorrer em casos de violência familiar.

A questão central na terapia não está na revelação do conteúdo do segredo, mas sim na compreensão de como ocorre o processo de guarda de segredos, qual é o seu efeito sobre as pessoas, qual o seu significado e sua função. Entretanto, quando se trata de segredos nocivos, as pessoas que os conhecem possuem uma necessidade de disfarçar, negando a realidade, e demonstram maior resistência à mudança. A pessoa que revela seus segredos adquire uma nova compreensão da dimensão traumática que pode estar associada a eles, bem como a liberta de despender energia mental e emocional para manutenção dos segredos.

A temática da comunicação familiar está presente na abordagem da resiliência familiar (WASH, 2005). A resiliência familiar se refere aos processos interacionais que possibilitam às famílias enfrentar desafios, crises e adversidades, e superar tais experiências obtendo fortalecimento e ampliando seus recursos prévios. O autor supracitado esclarece: “Resiliência pode ser definida como a capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos. É um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio” (WALSH, 2005, p. 4).

Mais que a resposta ou o ajustamento à crise imediata, a resiliência compreende muitos processos interativos ao longo do tempo, desde uma abordagem familiar a uma situação ameaçadora, por intermédio da capacidade para lidar com transições perturbadoras, até estratégias



variadas para enfrentar os estresses que emergem no futuro imediato e a longo prazo (WALSH, 2005, p. 20).

Com base em Walsh (2005), os processos familiares fundamentais para a promoção da resiliência são o sistema de crenças, os processos organizacionais e os processos de comunicação. “Os sistemas de crenças abrangem amplamente valores, convicções, atitudes, tendências e suposições que se misturam para formar um conjunto de premissas básicas que desencadeiam reações emocionais, informam decisões e guiam ações” (WALSH, 2005, p. 43-44).

No que se refere aos processos organizacionais, Walsh (2005) destaca a flexibilidade, a conexão ou apoio mútuo com famílias de origem e demais sistemas sociais, e os recursos sociais e econômicos. Quanto à influência dos processos de comunicação na resiliência familiar, a autora afirma a importância da clareza, a expressão emocional aberta e a resolução colaborativa dos problemas. Na atuação dos terapeutas de família, esses são aspectos que devem ser avaliados como forma de embasar intervenções que promovam maiores recursos para a resiliência familiar.

4 PSICOLOGIA ECONÔMICA E SIGNIFICADOS CULTURAIS DO DINHEIRO

A área da Psicologia Econômica, conforme Ferreira (2007, p. 3-7), nasceu da necessidade de acrescentar um enfoque mais abrangente ao estudo dos fenômenos econômicos, “sempre tingidos pela participação humana e, conseqüentemente, pelas limitações, bem como movimentos, por vezes, inesperados, que lhe são inerentes”. De acordo com a autora, o estudo do comportamento econômico de indivíduos e grupos indica a ocorrência de divergências do que seria esperado a partir de teorias econômicas tradicionais, embasadas na racionalidade dos agentes econômicos. Na economia tradicional, as pessoas são vistas como “maximizadores de utilidade”, ou seja, buscam obter o maior lucro possível para seus esforços, mesmo que isso implique comportamentos egoístas, individualistas e pouco solidários.

Ferreira (2007) utiliza a Psicanálise como fundamento na sua leitura da Psicologia Econômica, e refere Freud para esclarecer a possibilidade de estudo dos fenômenos econômicos com ajuda dessa teoria.

O fato inquestionável de que indivíduos, raças e nações diferentes se conduzem de forma diferente, sob as mesmas condições econômicas, por si só é bastante para mostrar que os motivos econômicos não são os únicos fatores dominantes. É completamente incompreensível como os fatores psicológicos podem ser desprezados, ali onde o que está em questão são as reações dos seres humanos vivos; pois não só essas reações concorreram para o estabelecimento das condições econômicas, mas até mesmo apenas sob o domínio dessas condições é que os homens conseguem pôr em execução seus impulsos instintuais originais – seu instinto de autopreservação, sua agressividade, sua necessidade de serem amados, sua tendência a obter prazer e evitar desprazer (FREUD, apud FERREIRA, 2007, p.154).

Conforme Ferreira (2007), o comportamento econômico reflete o comportamento psíquico, não necessariamente manifesto, mas responsável por ativá-lo, deformá-lo ou paralisá-lo. Nesse sentido, a autora defende a importância de estudos nacionais sobre o comportamento econômico dos indivíduos e dos grandes grupos como forma de debater fenômenos psico-econômicos e contribuir para políticas econômicas mais justas e apropriadas aos problemas, de forma contextualizada.

A divulgação de como se dá o comportamento econômico, ou seja, dentro de quais contextos ocorrem as decisões econômicas e quais

operações psíquicas estão envolvidas nelas, em direção a um maior esclarecimento da população sobre esta importante dimensão de sua vida, poderia impulsionar seu movimento de apropriar-se de suas escolhas no âmbito sócio-econômico e, portanto, favorecer sua emancipação como cidadãos participantes de seu tempo (FERREIRA, 2007, p. 4).

O estudo do processo de tomada de decisões sobre fenômenos econômicos, não apenas do ponto de vista racional mas também em seus componentes emocionais, é apontado por Ferreira (2007) como relevante no enfrentamento de questões socioeconômicas, como o endividamento da população.

Decidir, que se apóia nos passos antecedentes da percepção e avaliação das condições oferecidas, constitui a essência dos atos humanos, ao reunir a capacidade de captar informações, analisá-las e ponderar sobre elas, abrindo caminho, assim, para a função especial do pensar que, seguido pelo agir, pode criar e transformar (FERREIRA, 2007, p. 154) .

Um dos componentes emocionais envolvido na tomada de decisões sobre os fenômenos econômicos é o significado do dinheiro. Moreira (2002, p. 379) realizou estudo para explorar “perfis regionais de significado atribuído ao dinheiro, detectando influências socioeconômico-culturais sobre este significado e contribuindo para o conhecimento sócio-psicológico da realidade brasileira”. Conforme a autora, o comportamento humano diante do dinheiro é um assunto pertinente à Psicologia, já que o dinheiro perpassa os diferentes aspectos da vida cotidiana e das relações familiares e sociais. Os significados do dinheiro em diferentes grupos sociais são influenciados pela nacionalidade, situação empregatícia, gênero, escolaridade, renda e posição política.

Conforme Moreira (2002), os resultados do estudo indicam que há diferenças no significado do dinheiro nas diferentes regiões geográficas brasileiras, sendo que condições socioeconômicas mais precárias levam a maior importância atribuída ao dinheiro. O estudo foi realizado utilizando-se da Escala de Significado do Dinheiro (ESD), composta por fatores que indicam significados positivos e negativos atribuídos ao dinheiro. Esses fatores se constituem em:

Significados Positivos	Significados Negativos
Poder: crença de que o dinheiro é fonte de autoridade, prestígio e reconhecimento social, assegurando uma situação privilegiada a quem o possui e permitindo burlar normas sociais.	Conflito: crença de que o dinheiro provoca desconfiança, conflitos, desavenças, mortes, falsidade, neurose e oportunismo.
Prazer: crenças, sentimentos e consequências positivas atribuídas ao dinheiro, tais como: prazer, felicidade, bem-estar psicológico, autoestima, esperança e harmonia nas relações interpessoais.	Desapego: crenças e comportamento envolvendo uma oposição entre dinheiro e espiritualidade e a necessidade de dar mais importância aos valores de solidariedade e generosidade que aos bens materiais.
Progresso: valor positivo do dinheiro como promotor de progresso para as sociedades e a humanidade. Crença de que o dinheiro é capaz de resolver problemas sociais e construir um mundo melhor.	Sufrimento: valor negativo atribuído ao dinheiro no nível da subjetividade envolvendo fortes emoções carregadas de sofrimento aspectos de desequilíbrio emocional, tais como: angústia, depressão, frustração e impotência.
Cultura: crença de que o dinheiro promove o desenvolvimento cultural. Disposição pessoal de investir dinheiro no desenvolvimento das ciências, arte, cultura e tecnologia.	Desigualdade: crença de que o dinheiro promove desigualdade social, segregação e preconceito, pois cria uma forte demarcação no espaço social, dificultando o acesso de quem não o possui a lugares e pessoas.
Estabilidade: dinheiro como fonte de estabilidade e segurança. Crenças e comportamentos envolvendo a importância de ter as necessidades básicas asseguradas e estabilidade financeira	

5 SIGNIFICADOS DO DINHEIRO E TERAPIA FAMILIAR

No que se refere às relações familiares e à terapia familiar, Madanes e Madanes (1994) abordam o significado secreto do dinheiro em diferentes fases do ciclo vital e em diferentes subsistemas familiares. Para os autores, as mágoas provenientes de utilização do dinheiro são um motivo significativo de distanciamentos e rompimentos familiares. Portanto torna-se um tema presente no trabalho dos terapeutas de família.

O modo com que a família lida com o dinheiro indica a expressão de desejos, sentimentos de confiança, desconfiança, vingança e retribuição. O dinheiro é definido como uma “forma de energia” que constitui a força que move a sociedade, como “arma secreta” e como metáfora no sistema familiar. Madanés e Madanés (1994) caracterizam o dinheiro como “arma secreta”, pois ele é usado de forma subjetiva, com outra dimensão, não sendo calculado sob a ótica da ciência exata. Isto é, o dinheiro pode ser dado, com base em afeto ou retribuição de algum favor, entre outros, da mesma forma como pode ser reduzido por um desafeto, um favor não realizado. Os autores também esclarecem que o dinheiro serve como metáfora para questões centrais de conflitos relacionados ao sexo, aos afetos e ao poder. Seu significado afetivo pode ser de amor e cuidado, ou de violência, quando está associado à invasão de privacidade, dominação, controle e tentativa de levar vantagem sobre as outras pessoas.

A administração do dinheiro pode gerar conflitos em todas as classes sociais. É o dinheiro que permite o acesso a bens e serviços para o atendimento das necessidades básicas – educação, moradia, saúde, lazer. Também possibilita oferecer ajuda aos outros e planejar o futuro dos membros da família. Sua falta pode gerar sofrimento e estresse.

No que se refere à espiritualidade, Madanes e Madanes (1994) afirmam que a perda de seu valor está associada ao espaço crescente dos desejos materiais como base para o senso de identidade. Se for usado como forma de demonstrar “compaixão e amor ao próximo”, conforme os autores, o dinheiro pode se tornar uma expressão da espiritualidade. Do contrário, se for utilizado com finalidades egoístas, distancia-se da espiritualidade. Quanto aos conflitos associados ao dinheiro nos diferentes subsistemas familiares, serão destacadas no presente estudo as relações entre pais e filhos e a conjugalidade.

5.1 O dinheiro nas relações entre pais e filhos

Schmidt (1990) realizou estudo com jovens portugueses acerca das relações entre família, dinheiro e autonomia. A autora demonstra que a família desempenha importante função econômica, especialmente nos contextos socioculturais em que se observa alongamento das etapas para construção da autonomia dos jovens, no que se refere a sua dependência/independência financeira. O estudo evidenciou que as famílias agregavam os filhos jovens adultos, em função da dificuldade de inserção no mercado de trabalho e manutenção da dependência material dos familiares, situação que a autora caracteriza por meio da metáfora da “bengala econômica familiar”. No que se refere a proporção em que os jovens dependiam apenas de recursos próprios e/ou dos familiares e/ou conciliam ambos, as situações encontradas no estudo foram de três tipos (SCHIMIDT, 1990):

TIPO 1. Situação de dependência econômica total em relação à família de origem, que inclui todos os jovens sem quaisquer recursos próprios, cujo único meio econômico são as fontes familiares, restritas e/ou alargadas, seja como primeira, seja como segunda ou terceira fontes.

TIPO 2. Situação de semidependência da família de origem, que concentra os jovens que conciliam fontes de recursos familiares com outras extrafamiliares, ou seja, com recursos próprios obtidos sobretudo através do trabalho.

TIPO 3. Situação de independência monetária da família de origem, que inclui os jovens que apenas recorrem a fontes de acesso ao dinheiro extrafamiliares, ou seja, são totalmente independentes da família como fonte de obtenção monetária.

Schmidt (1990) destacou a articulação entre a independência monetária e a independência residencial, e constatou que grande parte dos jovens vivencia “autonomias contraditórias” quando tem independência monetária sem ter a própria residência, ou dispor da própria residência, mas não sendo autossuficientes economicamente para mantê-la. Nesse aspecto, o estudo indica quatro modalidades: “1) Dupla dependência (e/ou semidependência) de dinheiro e de casa; 2) Dependência (e/ou semidependência) de dinheiro com residência autônoma; 3) Independência monetária com dependência residencial; 4) Dupla independência de dinheiro e casa”.

Conforme Schmidt (1990), a situação é paradoxal. Os jovens vivenciam uma “autonomia aparente” da família do ponto de vista afetivo — em função de descontinuidades na comunicação, vontade expressa de sair de casa e pouco espaço de tempo passado em conjunto com os pais — em contraposição a uma dependência material concretizada pela permanência prolongada em casa.

Na realidade portuguesa dos anos 1990, os resultados indicaram que a autonomia plena dos jovens, caracterizada por autossuficiência econômica e independência residencial, ocorria para os jovens com boa formação escolar e profissional, proporcionada por famílias de camadas sociais com maior poder aquisitivo e em contexto urbano; e também para os jovens de contexto rural, com pouca formação profissional e escolarização, mas que iniciavam cedo na vida laborativa.

Nos meios rurais, as famílias assegurarão o futuro dos seus filhos mais através de uma redistribuição dos bens patrimoniais e as próprias ajudas «económicas» concretizar-se-ão mais a nível das chamadas «economias informais» (como, por exemplo, ajudas na construção de casas através de equipas constituídas pela rede de parentesco). [...] outra importante função económica da família, que tem que ver com a continuidade e, portanto, com o processo de reprodução social em que a juventude se situa, e que hoje se corporiza, predominantemente nos meios urbanos e nas classes médias, no investimento escolar. Numa linguagem antropológica, será uma espécie de «doação» em estudos. Trata-se, afinal, de uma forma de «herança» mais adaptada às novas formas de vida e que é capital cultural, mas também econômico (SCHMIDT, 1990, p. 656).

Conforme Madanes e Madanes (1994), na família ocorre a aprendizagem de como lidar com o dinheiro, tanto de forma saudável quanto patológica. Os autores consideram que recompensar os filhos por auxílio nas tarefas domésticas, desempenho escolar, mesada ou presentes em situações especiais promove a compreensão sobre o que significa ganhar dinheiro. É tarefa dos pais estimular o desenvolvimento da autonomia dos filhos, e a educação financeira é uma das dimensões da autonomia.

Madanés e Madanés (1994) consideram que, se os pais causaram prejuízos e sofrimento aos filhos, eles precisam assumir a sua parcela de responsabilidade. Na perspectiva dos autores, é direito dos filhos questionar os pais e exigir reparação dos danos, sendo o dinheiro um modo de obter essa reparação, “uma compensação simbólica pelo seu sofrimento”. Se houver impossibilidade de reparar os danos por meio financeiro, os pais

devem reconhecer as injustiças cometidas e pedir desculpas. Um exemplo ocorre nas ações judiciais movidas por filhos para solicitar indenização por danos morais de pais, por terem sido considerados ausentes pelos filhos.

O dinheiro pode ainda servir de substituto do afeto nos conflitos familiares.

As negociações sobre dinheiro e bens materiais podem dominar as conversas na família, por implicarem troca de obrigações e sentimento de culpa. Para Madanes e Madanes (1994), é preciso ter clareza por parte de pais e filhos sobre:

- o que pertence a todos da família e, portanto, não pode ser retirado como um castigo;
- o que pertence apenas aos pais, mas pode ser usado pelos filhos, se eles seguirem certas regras ou alcançarem certos objetivos;
- o que pertence a cada uma das crianças e não pode ser retirado ou utilizado como uma recompensa ou um castigo.

Os autores pontuam sobre a importância da clareza na comunicação entre pais e filhos, com base no diálogo para estabelecer o que é ou não permitido também no que se refere ao dinheiro. Sabe-se que é necessário e saudável criar os filhos para serem autônomos, sendo capazes de gerir sua vida de forma independente em todos os aspectos.

Se os filhos adultos ainda são dependentes economicamente dos pais, isso dificultará esta autonomia.

Uma das formas de proporcionar, desenvolver a autonomia é oferecer aos filhos, uma educação financeira.

Torna-se negativa a administração do dinheiro entre pais e filhos, quando há “autonomias contraditórias”, onde a pessoa é independente financeiramente, mas reside com os pais, por comodismo e não por questões de doença de algum familiar ou situações em que demandaria a presença real do filho.

Quanto ao mito da contabilidade familiar, cada indivíduo e cada família lidam de diferentes formas. Os registros de débito e crédito de cada membro da família podem estar em contradição, uma vez que esse cálculo familiar é subjetivo.. Os conflitos associados ao dinheiro na família podem ser transmitidos juntamente com as “heranças” de uma geração a outra.

Como exemplos da contabilidade familiar, há as situações de negociação e definição sobre gastos e de tarefas, quando algum membro da família depende de cuidados constantes. Desentendimentos podem ocorrer em casos nos quais o cuidador principal tem a expectativa de direito a uma parte maior na herança, ao passo que os demais membros da família pensavam que a atitude do outro seria apenas um gesto de generosidade.

No que se refere a heranças, Madanes e Madanes (1994) afirmam que é importante a compreensão dos membros da família sobre a forma como o dinheiro foi partilhado e o que motivou a distribuição. A partir daí se torna possível concluir a contabilidade familiar, evitando mágoas e acusações intermináveis.

Os autores esclarecem que é possível evitar mágoas e discussões, gerando, assim, maior aceitação da divisão das heranças. Para que isso ocorra, é importante a compreensão das pessoas sobre a forma como o dinheiro foi partilhado e os motivos que levaram a distribuição. Nas experiências pessoais ou mesmo nos atendimentos clínicos, verifica-se que, quando há uma comunicação aberta entre os membros da família, quando há confiança, é possível ocorrer negociação entre os irmãos; alguns abrem mão de bens materiais, em favor dos outros, como uma forma de gratidão e reconhecimento, pelo que a pessoa realizou em momentos passados.

5.2 O dinheiro nas relações conjugais

As decisões sobre dinheiro nas relações conjugais são uma dimensão do funcionamento do casal que pode explicitar convergências e divergências. Biscotti (2006) refere que as principais situações que podem gerar alterações nos recursos econômicos são doenças,

desemprego, dependência financeira de pais/sogros idosos, bem como crises econômicas no sistema social mais amplo.

Essas situações, conforme Biscotti (2006), impõem o desafio de adaptação a uma nova situação, que será vivida de forma menos traumática se houver maior flexibilidade na gestão dos recursos materiais, na definição das prioridades e nas escolhas que compõem o estilo de vida da família. Conforme o autor, não é raro que os conflitos conjugais estejam associados aos fatores de ordem econômica e à gestão das finanças familiares.

Conforme Madanes e Madanes (1994), na conjugalidade o dinheiro pode significar aquisição e partilha de bens materiais, mas também pode significar questões secretas no relacionamento – controle, poder, cuidados, admiração, compromisso e sexo.

Dinheiro e sexo estão relacionados de várias maneiras. As violações em um destes aspectos da vida parecem afetar ao mesmo tempo violações em outras áreas. Talvez o motivo seja que, ao ser quebrado um código básico de ética em uma determinada área, toda a estrutura ética da vida familiar fica comprometida. É por isto que as transgressões financeiras estão relacionadas não apenas às violações sexuais como também a violência física, mentiras e traições em outras áreas (MADANES e MADANES, 1990, p. 50).

Experiências financeiras traumáticas que incluem perdas, divórcios, falências e dívidas originam crenças e valores, construídos na família de origem, que podem estar claros ou não entre cônjuges. A repetição de padrões relacionados ao dinheiro pode estar associada às questões de gênero e ao sexo.

De acordo com Walsh (2005), tensões nos relacionamentos familiares que comprometem a resiliência familiar podem estar associadas ao manejo dos recursos sociais e econômicos. Quando, por exemplo, o progresso profissional e a renda de um dos cônjuges implicam conflitos em relação às expectativas culturais, podem gerar dificuldades de negociação nos papéis e na dinâmica de poder na relação.

Se há diferenças na contribuição financeira de cada cônjuge, e se houver a concepção de que aquele que possui dinheiro tem o poder sobre aquele que não possui, o resultado é uma dinâmica conjugal marcada pela desigualdade. Podem predominar acordos silenciosos em relação ao dinheiro, sem que se torne explícita a forma como ele será



utilizado. Assim, as discussões sobre finanças podem servir para evitar discutir sobre assuntos mais profundos.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado do dinheiro não é igual para todas as pessoas. Ele pode ter significados positivos – como fonte de poder, progresso, acesso à cultura e estabilidade - mas também significados negativos – como conflito, oposição à espiritualidade e sofrimento. Ter ou não ter dinheiro representa a possibilidade ou impossibilidade de acesso a bens materiais e culturais.

Conflitos sobre significados do dinheiro podem estar presentes, independentemente da classe social a qual a família pertence, apesar de os significados serem influenciados por fatores socioeconomicos e culturais. Podem ocorrer conflitos tanto nas famílias que possuem rendimentos socialmente aceitos e lícitos quanto nas famílias cujo sustento depende de rendimentos provenientes de atividades estigmatizadas, como a prostituição, ou de atividades ilícitas, como envolvimento com tráfico de drogas e corrupção.

Conforme o que foi abordado quanto às relações entre pais e filhos e às relações conjugais, é clara a associação entre dinheiro, afeto, poder, diferenciação e autonomia. As indagações a respeito dos significados do dinheiro nas relações familiares são complexas. Na “contabilidade familiar”, pode o dinheiro servir como moeda de troca de afeto? O dinheiro pode servir como medida do afeto e do poder nas relações entre pais e filhos e entre cônjuges?

Na terapia de família, de casal e até mesmo na terapia individual, temas como a comunicação familiar, segredos e resiliência familiar são pertinentes quando são abordados os significados do dinheiro na família. Pais podem buscar obter apoio e compreensão de seus filhos, ou diminuir sentimentos de culpa, ao tentar suprir seus desejos ou necessidades, oferecendo-lhes dinheiro ou bens materiais, mesmo que essa relação não esteja explícita ou não seja verbalizada. Isso também pode ocorrer nas relações conjugais.

Dependendo do contexto, os segredos podem ser negativos e/ou positivos. Assumem um aspecto saudável quando protegem a privacidade, quando permitem o amadurecimento de adolescentes e jovens e solidificam alianças apropriadas à idade

com companheiros e irmãos, por exemplo. O aspecto negativo ocorre quando o segredo implica prejuízo a si próprio ou aos outros.

Quando há uma decisão de manter o segredo, destaca-se que mesmo que continue omitido, raramente é possível esconder a intensidade dos sentimentos em relação a ele. Em muitas situações, o segredo é mantido, pois a revelação gera medo de ser julgado, de ser rejeitado, e insegurança quanto a causar sofrimento para aquele que revela e para aquele que recebe a revelação.

Para revelar segredos, é preciso verificar se o momento é adequado, identificar a sua função protetora, avaliar como, quando e a quem revelar. Uma metáfora seria de que a revelação do segredo seria como “abrir uma ferida” e depois não saber o que fazer para cicatrizá-la. Assim, a terapia tem como um de seus propósitos fornecer um ambiente favorável para a expressão dos mais variados e inusitados significados vinculados ao segredo e à sua manutenção.

O gerenciamento do dinheiro e dos bens materiais, especialmente na relação conjugal e na transmissão de patrimônio material de uma geração para a outra, pode auxiliar na construção de metáforas sobre o funcionamento familiar.



VI REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDOLFI, M. A. **A linguagem do encontro terapêutico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; MENGHI, P.; NICOLO-CORIGLIANO, A. M. **Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984, 139p.

BISCOTTI, O. **Terapia de pareja: una Mirada sistémica**. Lumen Hvmanitas, 2006.

BLACK, E. I. (Org.). **Os Segredos na Família e na Terapia Familiar**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, 403p.

BOWEN, M. A reação da família à morte. In: Walsh, F. e MCGoldrick, M. (Org). **Morte na família: sobrevivendo às perdas** (p. 105-117). Porto Alegre: Artes Médicas, 1998a.

BOWEN, M. **De la família al individuo: la diferenciación del si mismo em el sistema familiar**. Barcelona: Paidós, 1998b, 207 p.

CARTER, M. e MCGOLDRICK, B. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, M.; MCGOLDRICK, B. e cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar** (p. 07-29). Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CERVENY, C. M. O. E BERTHOUD, C. M. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.



FERREIRA, V. R. M. **Psicologia Econômica: origens, modelos, propostas.** Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

HOUZEL, D. Influência de fatores familiares sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, VIII, 3, p. 443-479, 2005.

MADANES, C.; MADANES, C. **O Significado Secreto do dinheiro.** Tradução Suzana Maria Diniz Lopes Figueiredo. Campinas: Editorial Psy Ltda, 1994, 228p.

MINUCHIN, S. **Famílias Funcionamento e Tratamento.** Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, 238 p.

MORAN, J. M. D. **Desafios na Comunicação Pessoal: Gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica.** 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MOREIRA, A. S. **Dinheiro no Brasil: um estudo comparativo do significado do dinheiro entre as regiões geográficas brasileiras.** Estudos de Psicologia, 7(2), 379-387, 2002.

PAPP, P. **O processo de Mudança.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1992.

RECH, T. **Segredos Familiares: uma complexa trama relacional.** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2007, 118p.

SCHMIDT, L. **Jovens: família, dinheiro, autonomia.** Análise Social, Análise Social, XXV (108-109), 645-673, 1990.



VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da Ciência.** 6 ed. Campinas: Papyrus, 2002, 252p.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação Humana.** São Paulo: Cultrix, 2001.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar.** São Paulo: Roca, 2005.